



## Mais uma vez o “claro enigma” na literatura

Once more the “clear enigma” in literature

Rosana Cristina Zanelatto Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, tendo como ponto de partida a relação leitura-literatura, exercitamos a tentativa de demonstrar como o texto literário está em diálogo com diferentes perspectivas, como a sua própria materialidade, as experiências do leitor e a mudança de uma ordem no mundo, sem obscurecer a literatura e vendo-a como “agenda do dia”, para a preservação do humano que há no sujeito.

**Palavras-Chave:** Texto literário; Leitura literária; Experiência estética; Ética.

**Abstract:** Based on the reading-literature relation, this paper attempts to demonstrate how the literary text dialogues with different perspectives, such as its materiality, the reader experiences and the change of order in the world, without obscuring the literature and seeing it as an "agendum" to preserve the human in the subject.

**Keywords:** Literary text; Literary reading; Aesthetic Experience; Ethics.

No campo com o qual trabalhamos, há somente conhecimento relâmpago, efemeridade. O texto é o trovão largamente ininterrupto (Walter Benjamin).<sup>2</sup>

A busca pela pluralidade de sentidos em meio à pluralidade de linguagens disponíveis ao nosso redor passa desde há muito (ou será que desde sempre?) por uma crise que tem como epicentro a tal “crise da leitura”. Inúmeras pesquisas, enquetes, abordagens empíricas e dedutivas, muitos dados são levantados e alimentam bancos e mais bancos de dados, a fim de detectar o que acontece com a leitura literária, ou melhor, por que acontece a falta ou a má leitura literária. Jornais, revistas (científicas ou não), simpósios, eventos e mais eventos levam e trazem “especialistas” que apresentam o problema, em geral quantificando-o, porém não chegam a ser esclarecedores quanto a uma solução. Marisa Lajolo (2002, p. 88), em artigo cujo título é problematizador – Leitura-Literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução –, observa que

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Curso de Graduação em Letras de Campo Grande e nos Programas de Pós-Graduação – Mestrado – em Estudos de Linguagens (Campo Grande) e em Letras (Três Lagoas). Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) no biênio 2012-2013. Bolsista PQ do CNPq.

<sup>2</sup> Tradução livre de: “In den Gebieten, mit denen wir es zu tun haben, gibt es Erkenntnis nur blizhaft. Der Text ist der langnachrollende Donner” (BENJAMIN, Walter. *Passagen, Kristalle*. Ausgewählt [Seleção] von Joachim Otte. Hamburg: Corso, 2011. p. 7.)

[...] ao se debruçarem sobre o ato de ler, as teorias e metodologias da leitura costumam excluir de seu horizonte a natureza do texto sobre o qual tal atividade se exerce, concentrando sua atenção ora sobre procedimentos mecânicos, ora sobre habilidades, ora sobre operações mentais envolvidas na leitura. É ao desconsiderarem a especificidade do objeto provocador da leitura que, num processo inversamente paralelo aos dos teóricos da literatura, os teóricos da leitura podem incorrer uma miopia tão parcial como a deles.

E qual é a especificidade do texto literário? É o diálogo – tomado aqui em seu sentido *lato* de conversação, de interação – entre várias obras, várias disciplinas e possíveis interpretações. Ainda que concordemos, por exemplo, com proposições como as de Jacques Rancière de que existe um “inconsciente estético”, marcado pelo “involuntário no pensamento consciente”, “porque o terreno das obras de arte e da literatura se define no âmbito de efetivação privilegiada [daquele] inconsciente”, não há como negar que, na prática cotidiana, o leitor, esteja ele em qualquer espaço, individual ou coletivo, é guiado / guia-se por in(ter)ferências no mais das vezes ingênuas, amalhadas ao longo de suas experiências de vida.

Por outro lado, assistimos a uma “avalanche” de publicações impressas, com a criação de editoras e com o barateamento dos custos para que os interessados possam trazer a público seus escritos. Contudo, que tipo de literatura é veiculada por tais impressos – e para não ficarmos na invenção de Gutemberg – e pelas redes virtuais da vida? E que tipo de leitura é realizada desses textos?<sup>3</sup>

Vale a pena citarmos Márcio Roberto do Prado (2011, p. 28):

O ato poético é idiossincrático por natureza e excelência, uma vez que propõe o novo em sua radicalidade, mesmo quando dialoga com a tradição e trabalha temas recorrentes. Ao fazê-lo, torna-se automaticamente irreduzível a toda sistematização e a todo estabelecimento de regras precedentes e externas. Como por um ato mágico, a complementação de uma obra de arte cria a súmula de suas leis; em Literatura, o momento em que o rascunho passa a

---

<sup>3</sup> A título de curiosidade: escritores como Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu mantêm, anacrônica e postumamente, *blogs* que contam com uma vasta lista de seguidores e postagens diárias...

Obra representa essa epifania autocentrada e aponta os caminhos a serem percorridos por todos aqueles que pretendam desvelar os segredos do poema, da narrativa ou do texto dramático.

Aparentemente o que Prado propõe é que a leitura seja guiada pelos próprios pressupostos do texto literário, mutáveis a cada visada e cada texto, criando, assim, aos olhos dos desavisados, um caos: então, não há um modelo, um caminho de mão única e tranquilo para seguirmos as pegadas do autor? Não, não há. Há um “constante devir” (PRADO, 2011, 0. 29), como um relâmpago que se anuncia no céu em aparência de continuidade, no entanto, quando visto com olhos de ver, está marcado por fraturas, por rasuras, por lapsos, que são preenchidos futuramente com o som do trovão. É a concomitância na descontinuidade: alegoria do binômio literatura-leitura.

Um norte para a leitura: busca antiga do homem. E a leitura aqui não se restringe às letras: decodificar “o livro do mundo” é a grande tensão humana. Essa tensão não escolhe por categorias aqueles a quem assaltará: todos nos vemos (ou nos veremos) presas deste ataque de querer-saber e não conseguir-ver. O filósofo Martin Heidegger, citado em ensaio de Zeljko Loparic (2013, p. 152), comenta:

‘Por que brinca a grande criança do brincar do mundo avistado por Heráclito<sup>4</sup> no *aion*? Ele brinca, enquanto [*weil*] brinca. O ‘Enquanto’ afunda no brincar. O brincar é sem ‘Porquê’. Brinca-se enquanto se brinca. Só resta o brincar: o mais e o mais profundo’.

Ao pensar no que Heidegger escreve sobre o brincar, acabamos percebendo que a materialidade do livro e de outros suportes para a expressão das inquietações e das vivências humanas e suas posteriores interpretações ao invés de mostrar que o relevante é o caminho percorrido e não, necessariamente, o lugar onde se quer chegar, impõe-se como o enigma a ser decifrado e que se não (bem) feito devorará o homem. E não é que o homem está sendo devorado? Devorado pelo enigma materializado e objetificado por ele próprio, porque com enigmas não se brinca...

Por outro lado, não podemos deixar passar uma informação relevante: em alemão o verbo *spielen* pode ser traduzido por jogar e por brincar. Sendo assim, ao que parece, Heidegger não trata tão somente daquele brincar aparentemente descompromissado da

---

<sup>4</sup> Heidegger refere-se ao Fragmento 52 de Heráclito: “O tempo [*aion*] é criança brincando, jogando [com pedrinhas]; da criança o reinado” (nota de Loparic).

criança, porém de um percurso em que a sorte, o fado, o destino, algo para além do que pode ser racionalizado, contabilizado, materializado pelo homem está em questão. Não basta selecionar, é preciso também arriscar-se no jogo da vida e da linguagem.

Quem brinca com a arte, literária ou não, é visto como “estranho”, “incompreensível”, quase um fanfarrão ou um profanador. O grande brincador-jogador da poesia brasileira, Manoel de Barros, que o diga:

21

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato  
poético do olhar.

Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta  
nas margens do rio.

Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra  
na beira do rio.

Depois eu quisera também que a minha palavra  
fosse desaberta na margem do rio.

Eu queria mesmo que as minhas palavras  
fizessem parte do chão como os lagartos  
fazem.

Eu queria que minhas palavras de joelhos  
no chão pudessem ouvir as origens da terra (BARROS, 2010, p. 65).

O poeta brincante não quer abrir suas palavras; ele quer desabri-las, assim como a tarde e o pássaro o são. Pensemos no prefixo *des-*: a lição que nos dá Rocha Lima é que “DES [é] separação, privação, ação contrária, negação” (1980, p. 176). O poeta quer negar a abertura e também o fechamento, criando uma palavra que contenha a relação dialética e necessariamente natural de um mundo em que os contrários não são contrários; eles são as faces de uma mesma moeda (parece uma expressão cansada, no entanto, foi a melhor para o momento). É um mundo compartilhado e não partilhado em contrários.

Pensamos ainda como outras formas artísticas – cinematográfica, dramática, pictórica – (re)apresentam o universo brincante-jogante do homem em facetas que o incomodam, como o horror e a violência, e como elas assumem o seu lugar em meio à arte. A pergunta que não querem calar: como é possível existir uma arte nascida em meio a um contexto de infelicidade, de violência, de náusea e de mal-estar? Uma arte desconstruída, liberta do maniqueísmo e marcada pela descontinuidade, pelo

desacabado, pelo destruído, pelo violento, pela morte, que torna visível o mundo e suas mazelas mais humanas, num complexo jogo de vozes e de percepções que subvertem conceitos caros ao homem, como a ética, por exemplo? Uma arte que tenta dizer o indizível, tratar do horrível, do pervertido, enfim, do desnudamento brutal do ser humano, essa categoria de arte assume um caráter de informação, (de)formação e de (in)conformação. Trata-se de uma arte invasiva, como o “invasor” das vidas aparentemente sólidas dos sócios Ivan e Alaor, em livro homônimo de Marçal Aquino (2011, p. 70-71), transformado em filme com roteiro também de Aquino e direção de Beto Brant.

Logo depois que Paula desligou, a secretária me avisou que havia um homem à minha espera na recepção. O nome dele? Anísio.

Quando abri a porta, Anísio veio em minha direção, com a mão estendida. Velhos amigos.

Tudo bem, Ivan?

Apesar do calor, vestia uma jaqueta de brim. Está armado, calculei.

[...]

Você ficou louco?, eu disse, assim que fechei a porta. Ta querendo foder a gente?

Ele me olhou.

Bonito isto aqui, disse, apontando a cena parisiense [uma reprodução de Cartier-Bresson).

Depois do assassinio do sócio Estevão, Ivan e Alaor serão presas do “invasor” Anísio, que envereda pelo mundo de ambos e espalha seus tentáculos pelos mais recônditos orifícios de suas existências, num jogo de esconde-esconde onde não é possível ficar muito tempo sem ser descoberto. As estruturas narrativas são tratadas de tal modo por Aquino que suscitam a cada momento a dúvida tanto nas personagens quanto no leitor:

Os dois policiais ouviram meu relato em silêncio [o relato de Ivan], me olhando de um jeito estranho. Tive a impressão de que não me levavam a sério. Talvez pensassem que aquilo tudo não passava de um delírio, narrado por um desequilibrado com sangue coagulado na testa (AQUINO, 2011, p. 120).

Chega-se na obra de Marçal Aquino e de outros escritores contemporâneos

brasileiros e estrangeiros a uma questão tratada desde há algum tempo por Hannah Arendt<sup>5</sup> e que toca na ferida purulenta herdada dos séculos XIX e XX: a ética. Isso vem à tona especialmente em *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal, publicado originalmente em 1963-1964. O texto é fruto, inicialmente, da cobertura jornalística que Arendt fez, para a revista *The New Yorker*, do julgamento de Adolf Eichmann, acusado de organizar e controlar o transporte de judeus para os campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>6</sup>

O que a pensadora fez foi mais que uma reportagem: foi a análise de uma sucessão de acontecimentos que explodiram como uma bomba, gerando o descontentamento, por vezes, violento da comunidade judaica mundial contra ela. Ela inclusive se remete ao fato de o serviço secreto israelense (*Mossad*) ter invadido um país estrangeiro (Argentina), para capturar Eichmann, numa violação à autonomia de um estado nacional (ARENDR, 1999). Contudo, a lição mais contundente e que não se quis enxergar foi que uma nova ordem havia sido instalada na Alemanha pós-1933 e no mundo pós-Segunda Guerra. Para Arendt (1999, p. 318),

Resta, porém, um problema fundamental, que está implicitamente presente em todos esses julgamentos pós-[segunda] guerra e que tem de ser mencionado aqui porque toca uma das grandes questões morais de todos os tempos, especificamente a natureza e a função do juízo humano. O que exigimos nesses julgamentos, em que os réus cometeram crimes 'legais' é que os seres humanos sejam capazes de diferenciar o certo do errado mesmo quando tudo o que têm para guiá-los seja apenas o próprio juízo, que, além do mais, pode estar inteiramente em conflito com o que eles devem considerar como opinião unânime de todos a sua volta. [...] Desde que a totalidade da sociedade respeitável sucumbiu a Hitler de uma forma ou de outra, as máximas morais que determinam comportamento social e os mandamentos religiosos – 'Não matarás!' – que guiam a consciência virtualmente desapareceram. [...]

A controvérsia gerada por este livro [*Eichmann em Jerusalém*] [...] revelou o quanto os homens de nosso tempo são perturbados por

---

<sup>5</sup> Em tempo: Arendt não foi a única a tratar do tema ora exposto, porém, ela é uma referência relevantíssima em nossas pesquisas e temos como um compromisso ético com ela.

<sup>6</sup> Foi produzido em 2012 e lançado no Brasil em 2013 o filme *Hannah Arendt*, da diretora alemã Margarethe von Trotta, que tem como mote as situações que Arendt passou pela época do julgamento que acompanhou em Israel.

essa questão do juízo (ou, como se diz muitas vezes, pelas pessoas que ousam ‘julgar’). O que veio à luz não foi nem niilismo, nem cinismo, como se poderia esperar, mas uma confusão bastante extraordinária sobre questões elementares de moralidade – como se um instinto em tais questões fosse realmente a última coisa que se pudesse esperar de nosso tempo.

Pode parecer, numa primeira visada, uma contradição de nossa parte: entendemos que Arendt anuncia o quanto é perigoso generalizar e o quanto é insidioso particularizar, isto é, não podemos julgar todos pelos mesmos parâmetros, sejam eles morais, religiosos, culturais, nem podemos excluir ou incluir os homens neste ou naquele escaninho conforme as conveniências. Não faremos aqui um exemplo do *Eichmann em Jerusalém*, mas sim uma referência à “arte em tempos sombrios”<sup>7</sup>.

A literatura e outras artes não incitam a violência, nem querem desbancar ou entronizar quaisquer teorias. Elas, assim como Arendt, querem (re)assumir uma visada humanista do mundo dos homens e de suas experiências, sendo lidas como o vislumbre de novos caminhos a percorrer ou desbastando picadas encobertas pelo tempo. Porém, não é tão simples assim...

## **Bibliografia**

AQUINO, M. *O invasor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARROS, M. de. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, W. *Passagen, Kristalle*. Ausgewählt [Seleção] von Joachim Otte. Hamburg: Corso, 2011.

LAJOLO, M. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Fundamentos).

LOPARIC, Z. Martin Heidegger e os fundamentos da existência. In: ALMEIDA, J. de; BADER, W. (Orgs.). *O pensamento alemão no século XX*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. (Volume 1).

PRADO, M. R. do. Teoria como filosofia da Literatura. In: BONNICI, T.; FLORY, A. V.;

---

<sup>7</sup> Referência em tom de homenagem ao livro de Hannah Arendt *Homens em Tempos Sombrios*, publicado no Brasil, pela primeira vez, em 1987.

PRADO, M. R. do (Orgs.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá: Eduem, 2011.

RANCIÈRE, J. *O inconsciente estético*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.